



REGUA — Nas margens do rio Côrgo. — Enchendo o cantaro.

(Cliché de Miguel Monteiro).

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Villela.

DIRECTOR

Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso.

ADMINISTRADOR E EDITOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de nform çã graph'ca

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA
(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias — Um anno, 4\$800
Semestre, 2\$400. Trimestre, 1\$200 rs.

A cobrança feita pelo correio ou p. lo entregador,
acresce o impor. e das desp zas.

Estrangeiro — Um anno, 5\$400.

Numero avulso, 100 rs.

Numero 290

Braga, 22 de Fevereiro de 1919

Anno VI



ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica



Proprietario Joaquim A. Pereira Villela. Director Dr. F. de Souza Gomes Velloso

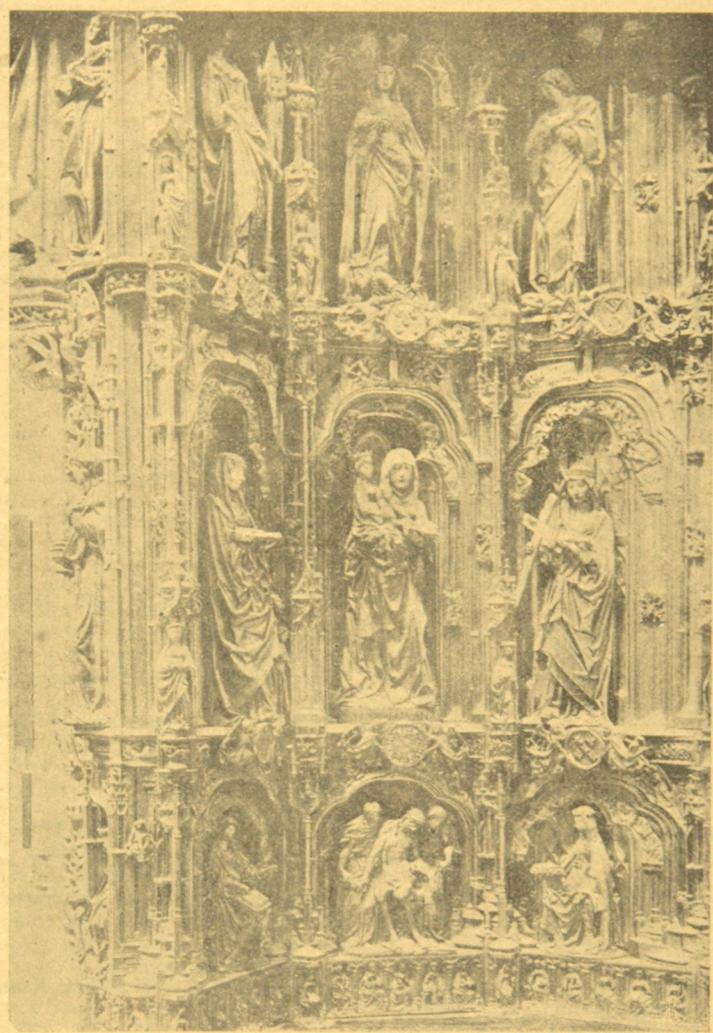
EDITOR E ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto

Braga, 22 de Fevereiro de 1919

Redacção, Administração e Typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 290—Anno VI



HESPANHA — Interior da Cathedral de Burgos. — O altar gothico da capella do Condestavel.



«Está tudo doido!»

O electrico, dois passageiros, sentados ao pé de mim, deram-me, pelo desprendido da lingua, toda a impressão do momento que passa: — fallavam do capitão Sarmento Pimentel. Pelo modo como d'elle fallavam, despiram se deante de mim (salvo seja!) e ficaram nús, quer dizer democraticos!

Eu juro sobre umas Horas, se preciso fôr, a exactidão do dialogo, anotado na carteira quando dez minutos sobre têt-o ouvido, cheguei ao escriptorio.

Esse dialogo foi o seguinte:

— E' um gajão!

— E a heroicidade d'elle qualquer de nós a tem!...

— Se não fossem os civis, elle morria na Batalha.

— E se tiver um resto de vergonha não acceta a espada!

— Temos um Machado Santos pela prôa, queres vêr?!

— Oh! elle fez aquillo para livrar a propria pelle mais a da guarda!

— E' claro... Pois se tinha tanta confiança na sua gente por que é que não sabiu para a rua logo no dia seguinte á *couceirada*? Porque foi, sim?

— E' um sidonista... e basta!

— E os sidonistas são todos monarchicos. O que é preciso é dissolver aquillo no Carmo — que já cheira mal!

E n'esta altura um d'elles desfechou em conclusão e no calão dominante:

— E' um gajo!

E o outro accrescentou:

— E' um gajão!

Desde que o leitor se recorde de que foi o capitão Sarmento Pimentel quem n'um bello rasgo reimplantou a Republica, o mesmo leitor ficará sabendo que os vencedores passaram á cathegoria de vencidos e que os primeiros postos foram parar ás mãos do civil armado, do radicalismo, enfim.

E desde que torne a lêr a minha chronica do numero anterior a este, dar-me-ha rasão, — carradas, carradas e carradas de rasão! — quando eu escrevo que não estamos em republica *velha* mas em republica *velhissima*, que não sinto vontade para tentar endireitar o que não se endireita, que... quem as fez que as desfaça, e... *con su pan se lo coman* monarchicos e republicanos, republicanos e monarchicos, visto que eu não espero vêr em toda a minha vida um tão prolongado reinado de Sua Magestade A Asneira!

E que magestade, leitor amigo! Ha quem se espante por circular ahí pelas ruas um manifesto em que a certa altura se lê: «*Sidonio, o chefe dos galunos...*». Dou-lhes a minha sincera palavra de honra de que não me admiro. Ha quem se espante por o coronel Djalme dizer n'um comicio no Carlos Alberto: — *estando dissolvido o parlamento, o unico poder que agora manda é o comicio publico*. Eu não me admiro. Eu esperava isto. Esperava-o desde que a Junta Governativa cahiu como todos viram e desde que uma revolta commandada por officiaes *ordeiros* me deu uma hora depois de vir para a rua o espectáculo do civil armado, do garoto armado, da mulher armada. Esperava.

Por melhores que sejam, como são, as intenções do dr. Domingues dos Santos e do dr. Julio Gomes dos Santos, por muito que tenham feito, como teem, a bem da normalisação da vida cidadina, — elles não

podem remar contra a marè e são obrigados a repetir a phrase d'um antigo ministro democratico para um amigo meu ha poucos dias em Lisboa: — *Nós só queremos uma coisa ordeira... Mas v. bem vê que n'estes primeiros dias é preciso ceder ao povinho uma folga porque afinal foi elle... quem nos levou ao poder.*

Eu já não me admiro de nada. Eu já vi tudo o que tinha para vêr e já estou farto e refarto de vêr tanto!

O dr. Joaquim Madureira anda agora mettido na camisa de onze varas da formação d'um partido conservador. Pois já por causa d'isso esteve para ser preso! Elle deve saber-o porque quem m'o contou passa muitas vezes pela redacção de S. Bento da Victoria.

Mas os senhores não se admirem. Isto tem de correr os seus tramites. Isto começou por asneira e *abysus abyssum invocat*, traducção vernacula do Camillo!

O *Seculo* dá-me por exemplo na correspondencia do Porto esta informação curiosa:

O conde de Mangualde foi hoje interrogado. No fim do interrogatorio voltou para o «segredo». Se alguém quizer saber o que é o *segredo*, no Aljube, pergunte-o aos republicanos que soffreram os brutalissimos tractos de polé, dos *trauliteiros*, e ouvirá tambem os respondentes declararem-lhe que a Republica não faz como a Traulitania!

Mas não se admirem.

Ha mais de trezentos officiaes do exercito atirados para a miseria; os jornaes que se publicam vêem inçados de denuncias para honra de Guttemberg que não inventou a imprensa para outra coisa; começa já a adensar-se outra vez uma athmosfera de revolta e a ouvir-se o *isto é de mais, o isto não pôde ser, o volta a demagogia*.

Infelizmente quem não torna é Sidonio Paes. E é melhor para elle porque se elle resuscitasse, o seu successor ajuramentado, o seu homem de confiança, o seu ultimo ministro da marinha, guindado á presidencia do regimen, mettia-o em S. Julião da Barra, tão certo como eu e o leitor estarmos a conversar!

Volta a demagogia! diz-se já por ahí; dizem-no os partidarios do *isto não fica assim*, dil-o gente fardada e gente á paisana.

E um bello dia zás! Zaragata em Lisboa, revolução *libertadora* na rua, o civil armado a disparar, e... o resto do costume.

Um cidadão francez das minhas relações dizia me hontem ao descer a rua 31 de Janeiro:

— *Mais vous êtes toujours les mêmes, alors? Vous êtes entrés en régime de revolution tous les trois mois?*

Como as sezões! respondi-lhe eu, e elle poz-se a rir a bom rir, como estrangeiro que é, compatriota do dono do Eden-Theatro — a Bastilha! que vae receber do governo, pela destruição do que é seu a bagatella de 80 contos!

Estudante genial! Estudante cheio de graça e de pilheria mordaz, caustica e justiceira!

Tu subiste á torre da Universidade nos dias da *bernarda* e lá de cima assopraste por um porta-voz aos quatro cantos do paiz a tremenda, a flagrantissima verdade:

— Está tudo doido!

Estudante genial — foste o unico orador... com juizo!

F. V.

ESPELEOLOGIA

Ds extraordinarios progressos que, dia a dia, se assignalam nas sciencias obrigam-nas a fraccionarem-se, dando origem a novos ramos scientificos. Assim nasceu muito recentemente esta sciencia nova — a *espeleologia* — ou sciencia das grutas e cavernas. Este estudo foi a principio um verdadeiro esporte, que em poucos annos adquiriu uma phase verdadeiramente scientifica. D'ahi o ter de ser baptisado com um nome grego.

E hoje está ella em evidencia pelos reaes progressos que tem feito e mui principalmente por ter chamado a attenção para a hydrologia subterranea.

Mostra-nos assim um perigo imminente sobre o nosso planeta — o dessecamento.

E não é isto um simples sonho de sabios, é uma realidade bem palpitante e bem ameaçadora para o futuro, provada com o testemunho irrefragavel dos factos.

As fendas preexistentes nas rochas, a acção da gravidade, a erosão mechanica, a corrosão chimica, a pressão hydraulica, eis os cinco agentes effectivos d'esta obra de penetração das aguas.

Ameça-nos, pois, a morte pela sêde. A's duas causas apresentadas como productoras da cessação da vida terrestre, do fim do mundo — apagamento do astro do dia e asphyxia pela rarefacção progressiva da atmosphera — junta-se uma terceira, o desaparecimento da crusta e que se deve realisar muito mais depressa que qualquer das outras duas.

Demonstram-no bem muitos e muitos factos apresentados, mostrando a penetração sempre constante das aguas, a sua fuga para as camadas inferiores.

Foi ha dez annos, em 1894, que o distincto espeleologo Martel, pela primeira vez, assignalou a rapidez d'este ameaçador phenomeno. D'este então não têm cessado os seus trabalhos d'investigação que, cada vez mais, confirmam a funesta verdade. Em todo o globo apparecem exemplos da diminuição gradual das aguas e da sua penetração nas profundezas. E em 1903 tornou-se mais intensa que nunca a campanha levantada por Martel, echoando tambem intensamente os seus brados em todas as atmospheras scientificas.

O nosso planeta caminha rapidamente, na sua evolução hydrologica, para uma phase de dessecamento já bem accentuada em outros irmãos da sua vida cosmica. A lua, com a sua face dessecada, com as suas aguas recolhidas nas profundezas, podendo quando muito somente alguns vapores chegarem á sua superficie e produzirem uma ligeira camada de neve e Marte, com as aguas superficiaes talvez só representadas pelas calottes polares geladas, são bem dois espelhos, onde podemos ver a imagem fiel do nosso futuro.

Sim; a Terra ha-de dessecar-se. E' uma verdade imposta pela sua evolução cosmica. Mas o homem tem meios de fazer dilatar este dessecamento, de fazer conter por mais seculos as suas aguas á superficie.

Estes meios são dois — a arborisação e as explorações hydrologicas subterraneas que tração, por meios technicos, á superficie muitas das correntes já profundas.

Importa, pois, emprega-los, especialmente o primeiro, para que os seculos vindouros não assistam a uma verdadeira *bancarrôta da agua*.

Mariotte.



SERÕES AMENOS



DE FREY GIL DA SOLEDADE,
EGRESSO DA FALPERRA.

LXVII

Diccionario enigmatico.

Continuo a metrificar alguns enygmás do repertorio hespanhol a que me referi

XIII

Fui herva, perdi o meu ser,
N'um fado extraordinario
E tive successo vario,
Tornaram-me a desfazer
E agora sou secretario.

XIV

Que se alegre faz entender
Quem meu nome pronuncia.
Meus filhos dão de comer
Ao homem e eu de beber.

XV

Carne na bocca sustento
Enquanto estou trabalhando.
Com arma me está picando
Meu dono, a quem eu mantenho,
Todo a defende-la intento.

XVI

Começando por dizer
Que sou casta, não no sou
Pois é certo que o ser dou
As filhas que hão-de nascer.

XVII

Não ha muito tive vida
E, se bem que morta estou,
Vivo, e sirvo-te á comida.
Tal como tu, reduzida
Ficarei do que ora sou.

XVIII

Meus braços e um elemento
Me procuram tal caida
Que, gastando-me o sustento,
Não me deixam a momento
Té me firarem a vida.

XIX

Não sou ave, lá não tenho,
E sem dizer-te mais nada,
Já fiquei bem declarada
Agora aguça o engenho!

XX

Para os ocios entreter:
Quem é um de quem o ser
Consta em que se não veja,
E que não ser, o que é, deseja?

XXI

Que coisa é que nos despraz
Juntamente e dá contento.
Tira as forças e o alento,
E estes dois effeitos traz:
Dar prazer e sentimento

XXII

Tenho officio de albergar
E dentro em mim dar morada
A gente que vive armada
E lhe serve o pejejar
De perder a vida amada.

XXIII

Qual é uma torre forte
Que guarnece gente armada,
Toda d'uma côr, e forte,
Que, rendida e assaltada,
Lhe dão em chammás a morte?

XIV

Minha vida é aborrecida,
De quem teme a minha morte
Tendo eu n'elle a comida
Mata-me o contrario forte
Do calor, que me dá vida.

Decifrações

E' tempo de começarmos a dar as decifrações dos enygmás já publicados. Ahí vão as

Do serão LIV :

A — Tenho uma vida de escrava.	Azeitona
B — Appellido e tocha.	Brandão
C — Quem a faz não a deseja . . .	Cova
D — Sou de quatro divisões . . .	Dobaçoira
E — Nada tenho de bonita . . .	Escova
F — Em sendo velha sou rica. . .	Fava
G — Tenho corça e não sou rei . .	Gallo

Do serão LV :

L — Mais veloz do que ninguem.	Luz
M — Letras me puseram	Melão
N — Eu sou mãe de muitos filhos	Nora
O — Tenho armas não de fogo. . .	Ouriço
P — Devendo aos quatro elemen- tos	Pão
R — Eu sou filho de um ladrão . .	Rato
S — Femea sou de nascimento. . .	Sal
T — Por correntes estou preso. . .	Thuribulo
V — Eu ando leguas n'um pé . . .	Vento

Mais :

Eu sirvo de compostura.	Albarda
Casaram-me com uma preta. . . .	Tinteiro e tinta
Que estalagem será uma	Caixa de rapé

Do serão LVI :

Que é o que no monte nasce . . .	Caixão de defunto
Tenho um genio exquisito.	Pião
Sou a muitos odioso	Rato
Sou uma pobre envergonhada. . .	Aranha
Nós nascemos femea e macho . . .	Cera e mel
Duas irmãs muito unidas	Tesoura
Sem ser aranha nem rato.	A letra O
Nós somos ambos irmãos.	Vinho e vinagre
Sem ser rosa tenho espinhos . . .	Piteira

Do serão LVII :

Minha mãe que me creou	Esponja
Passei por muitos janeiros.	Carvão.

Continuar-se-ha.



O CLARIM



Conto por P. Gallien.

ERA nos arredores de Sarreburgo, no dia 21 d'agosto de 1914. O...o batalhão de caçadores a pé luctava heroicamente desde a madrugada. Pelas nove e meia, noite já cerrada, uma companhia recebeu ordem para tomar a bayoneta um bosque infestado de allemães.

Officiaes e soldados, clarins á frente, atiram-se, e vinte minutos depois tinham atravessado, de ponta a ponta, toda a extensão da malta e morto e feito prisioneiros uns trezentos soldados teufões que por lá se conservavam.

Mas no ardor da carga, muitos dos caçadores francezes tinham perdido o contacto com o grosso das secções. Entre elles estava um dos clarins chamado Barré. Quando este que se encarnicera em perseguição d'um colossal *feldwebel*, cravou por fim a sua peça de caça de encontro ao cimo de um talude com uma es-

petadella de bayoneta, enxugou o suor da testa e poz-se a olhar em volta de si.

Onde diabo estava elle? Que direcção seguir para reencontrar as linhas francezas? . . . As trevas sem lua espessavam-se cada vez mais. Metter-se, enterrar-se ás cegas no meio da noite era talvez correr o risco de cahir nas mãos do inimigo. Que fazer?

Barré decidiu-se comtudo a escalar o alto talude. Chegado lá, e habituados seus olhos pouco a pouco á escuridão, distinguiu vagamente a duzentos ou trezentos metros, uma vasta

casa cuja massa pardacenta coroava uma eminiencia.

— Se lá dentro não ha *boches*, pensou elle, passo aqui a noite, amanhã eo luzir do dia, tratarei de me ajuntar aos nossos . . .

E prudentemente poz-se a caminho. Um quarto de hora depois, tranquillizado pelo silencio acolhedor do edificio — uma quinta importante! — penetrava n'um grande pateo e ao acaso dirigia-se para uma porta. Entrou. Os pés pisaram um espesso montão de palha . . . Poz-se ainda á escuta . . . Nenhum ruido . . .

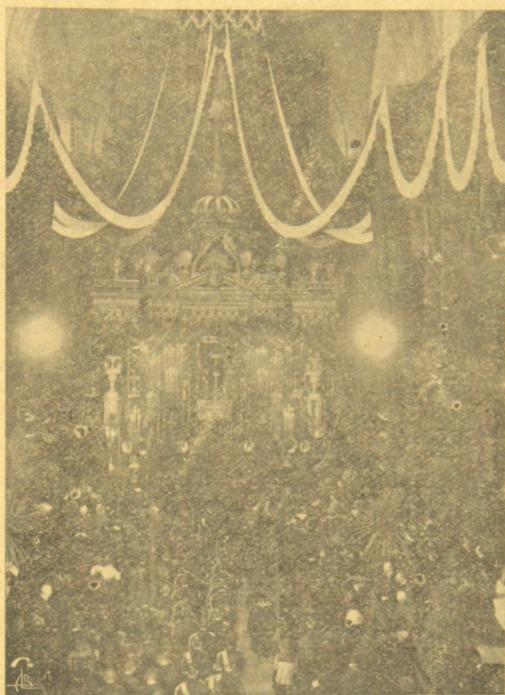
— Não ha duvida, murmurava, está deserta. Estou na córte. Optimol tenho uma câma excellente! Que somninho bem roncado até de madrugada, filhos! . . .

E extenuado, rendido, o cordão do clarim passado no braço, a espingarda entre os joelhos, installou-se o melhor que pode no foso colchão . . . Tres minu-

tos depois, dormia como um justo!

Quando tornou a abrir os olhos viu pelo portal entrebertado, uma nesga do horizonte purpurizado. Poz-se a pé n'um pulo.

— São horas de me pôr ao fresco, disse. Ia pois, a deixar o seu abrigo nocturno quando subitamente, um rumor de vozes roucas lhe chegou aos ouvidos, ao mesmo tempo que as passadas já proximas d'uma força em marcha. Inquieto, deitou um olhar para fóra. E que viu elle? . . . Meio regimento pelo menos de infantaria, de ponteagudos capacetes, que subiam



PORTO — Interior da igreja da Trindade na occasião da missa por alma do saudoso Dr. Sidonio Paes.

a ladeira da altura, tendo certamente a quinta por objectivo!

Escapar-se pela porta, agora, nem pensar n'isso: os allemães vel-o-hiam fatalmente... Era preciso procurar outra sahida. E um relançar rapido de olhos em volta de si, deu a Barré a desejada sahida: lá no tecto o buraco de deitar a forragem para o gado.

Dez segundos depois, o nosso caçador fazia passar pelo dicto buraco a espingarda e o instrumento e saltava atraz d'elles para o soalho do palheiro. Já os soldados allemães en-

D'onde estava, podia dominar uma vasta extensão da campina em redor. Não tardou a comprehender as intenções dos allemães; estes, com grandes pancadas, bafiam nas paredes, arrastavam moveis, abrindo sem duvida setteiras e installando barricadas deante das janellas; punham tudo em condições d'uma defeza.

De repente, a um rumor não longe apercebido por elle, Barré levantou a cabeça. Esfregou os olhos, não crendo no que acabava de vêr: um rapazão germanico, lá em cima na ventoinha da casa principal e mais alta, atan-



PORTO — Missá por alma do Dr. Sidonio Paes. — Um aspecto da multidão que aguardava a abertura das portas da igreja da Trindade.

(Cliches de J. d'Azevedo.)

travam no pateo. Logo depois, rapidas ordens de commando, e elles invadiam as differentes casas da quinta.

— Estão aqui, estão a dar commigo, monologou de novo Barré. Toca a achar outra coisa... vá!

E de facto tornou a encontral-a. Marinhando, agarrado ás traves, chegou á lucarna, abriu-a, e subiu para o telhado. Dois montes de telha, por certo alli abandonados a quando do recente concerto do telhado, elevavam-se, formando um abrigo muito a proposito. Barré deixou-se escorregar e alli se aninhou, sem jargar a espingarda e o clarim.

do uma bandeira branca á cruzinha vermelha que corouva o aparelho. Um tal sobresalto de indignação sacudiu o caçador a pé, que sem reflectir nas consequencias do seu acto espontaneo, empunhou a espingarda para deitar abaixo o allemão; mas este ultimo já desaparecia pela vertente do telhado.

Interminaveis minutos se passaram. Agora, na quinta, tudo recahira em silencio. D'um campanario longinquo e invisivel, Barré ouvia cahir as pancadas de bronze das meias horas...

De repente um arripio o atravessou... No meio da planura, acabava de reconhecer uma força franceza que marchava direita á quinta.

Pouco a pouco, avançava, não suppondo sequer a terrível armadilha que a esperava sob o pavilhão sagrado das ambulancias...

Mas Barré lá estava... E Barré não teve um momento de hesitação. Empunhou o clarim, collocando-lhe a embocadura aos labios tremulos... Febril, apressado, o toque de *Cautella!* retiniu depois do de *meia volta*... e depois: *a passo gymnástico!*...



REGUA — O caminho do Loureiro

(Cliché de A. Teixeira).

E como os francezes, parados lá em baixo, bruscamente, parecessem perplexos, com ar de quem perguntasse d'onde lhes vinha a ordem imperiosa d'aquelle clarim compatriota, Barré, erguido de um salto, sahiu fóra do seu abrigo de telhas e veio postar-se mesmo na crista do telhado. De novo, os tres toques successivos exhalaram-se em notas ardentes do seu pavilhão brunido.

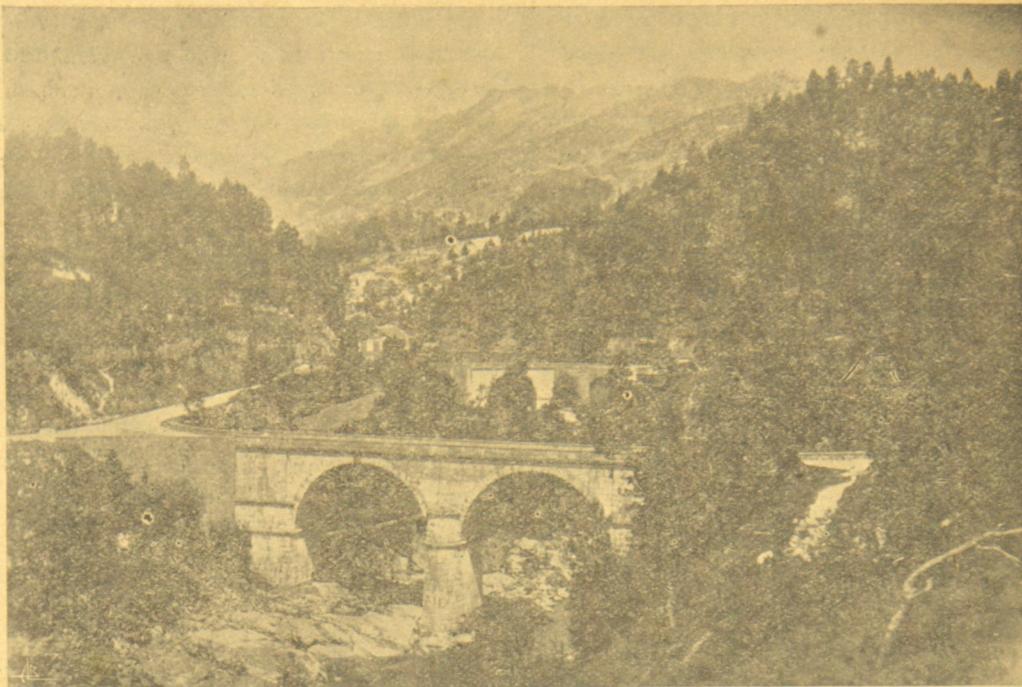
Entretanto os allemães, ao som vibrante d'aquelle insuspeitado clarim, precipitaram-se para o pateo em gritos de pânico. E viram então o heroico caçador que lá em cima, assoprava a rebentar o peito. Os seus clamores de pavor, mudaram-se em urros de raiva. Apontaram...

Barré, porém, tivera tempo de ver a força franceza bater em retirada. N'um salto de gato, já recahira no meio do abrigo das telhas. Cem balas assobiaram por cima da sua cabeça... Calmo, tendo já feito o sacrificio da vida, empunhou a espingarda. Cinco segundos depois, o heroico caçador abatia no pateo uma primeira cabeça quadrada de allemião, cinco segundos mais tarde, outra... outra... uma quarta... uma sexta... uma decima... Em volta d'elle as telhas voavam em estilhaços, esburacadas e partidas pelas ballas germanicas.

E assim foi, durante mais de vinte minutos, o sublime combate de um só homem, contra muitas centenas de adversarios, ébrios de furor. Em vão, um certo numero d'estes, haviam tentado subir aos telhados adjacentes e mais elevados para de lá dirigirem um tiroteio mergulhante contra o caçador admiravel; este, de olho alerta, fazia-os descer logo, um a um, á medida que surgiam das clareboias. Até que um som agudo rasgou o ar e, n'um fragor terrível, com uma precisão fabulosa, um obúz veio estalar no meio do

pateo entre as forças teutonicas que dispersou. — Mesmo no sitio, *fixe*, 75! exclamou Barré.

Os allemães não esperaram por mais nada; vendo-se colhidos, apenas houveram tempo para tornar a formar, e abandonando a quinta, bateram em retirada pela planicie fora, a descoberto... Mas nem quinhentos metros pudéram andar.



BRAGA — As pontes de Rio Caldo.

Duas longas linhas de infantaria franceza, que pareciam haver brotado do solo, cahiam em cima d'elles á arma branca!

○ E Barré, lá no alto, o cano da espingarda
ainda a fumar, poz-se então a tocar á car-
ga! a estalar as cordoveias do pesçoço!...

GUERRA EUROPEIA



Alleães feridos, recebendo o primeiro curativo.

Monte-Pio do Clero Secular Portuguez

Successor da Veneravel Irmandade
dos Clerigos Pobres de Lisboa

o clérigo d'ordens sacras, que desejar alistar-se n'este Monte Pio, deve enviar ao Rev. Padre Alfredo Elviro dos Santos, morador na Avenida Fontes Pereira de Mello, 41, Lisboa, os seguintes documentos:

—1.º Certidão de idade, devidamente reconhecida por notario.
—2.º Dois attestados, ou declarações medicas juradas e reconhecidas por notario, em como não soffre de maestia actual, ou habitual (pavarras textuaes).—3.º Attestado, ou declaração jurada, do secretario da Camara Ecclesiastica respectiva, ou do Vigario da Vara, Arcepreste, ou Ouvidor, em como está no legitimo exercio das suas ordens, exerce o cargo de... e não está incurso em processo algum ecclesiastico ou civil.

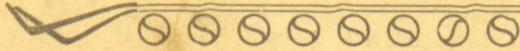
Os documentos podem ser em papel commum.

Se o clérigo residir na Archidiocese de Braga, principalmente no concelho de Braga, deve dirigir-se ao Rev. Padre Arnaldo Carlos Lamas de Oliveira, residente na rua de 5 de Outubro, n. 80, em Braga, ou ao Rev. Padre Leonel Aragão Dantas de Sousa, morador em Laranjeira, Monção, se residir no concelho de Monção; ao Rev. Padre Domingos Affonso do Paço, capellão da Misericordia de Vianna do Castello, se residir no concelho de Vianna do Castello; ao Rev. Padre Mauuel da Costa Freitas Reis, se residir no concelho de Famalicão; ou ao Rev. Padre José Antonio de Campos Junior, parcho de S. Vicente de Aljubarrota, se residir no concelho de Alcobaca.

Os referidos Revs. Padres são socios correspondentes do Monte-Pio; prestam todos os esclarecimentos, facilitam as admissoes, recebem as quotas, pagam subsidios, etc.

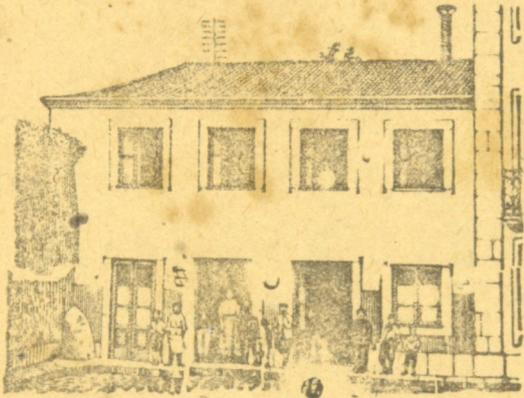
Este, concede subsidio na doença, suspensão e falta de collocação; paga visitas medicas aos socios residentes em Lisboa e nas terras em que residirem 20 socios; dá 10 escudos para operações cirurgicas, ou conferencias medicas e 10 escudos para auxilio das despesas com processos ecclesiasticos ou civis; todos podem celebrar na capella do jazigo, sito na rua numero 5, do cemiterio do Alto de S. João: faculta a livraria aos socios, que a desejaram consultar; tem direito a comprar para si e para as suas familias medicamentos melhores e com abatimento de 20 p. c. nas pharmacias mutualistas de Lisboa; todos têm direito a ser sepultados ou depositados no reterido jazigo, etc.

Concede o subsidio de vinte e cinco escudos e mortalha para o funeral dos socios residentes em Lisboa, e o de vinte escudos para o funeral dos socios residentes fora de Lisboa.



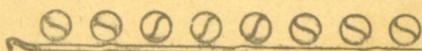
FRIGIDEIRAS E RESTAURANTE

Casa do Cantinho



Largo de S. João do Souto
BRAGA

Estabelecimento mais antigo
e acreditado n'este genero



Collegio de S. Thomaz d'Aquino

BRAGA

Fundado em 1896

DIRECTOR

Padre Manoel Joaquim Peixoto Braga

Admitte alumnos internos, externos para o curso dos Lyceus, Commercial, e Instrucção Primaria.

Colégio Académico

GUIMARÃES

Campo da Misericórdia

A casa de educação e ensino mais
antiga desta cidade

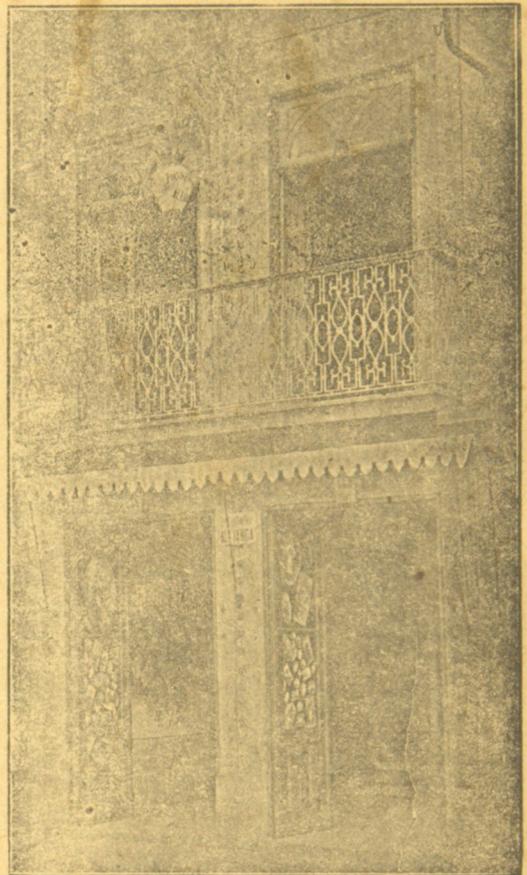
Bons resultados nos exames e sólida
educação são o seu réclame.

Pedidos aos directores

Dr. Alfredo Peixoto

Luiz Gonzaga Pereira

P.º José Maria dos Santos



PHOTOGRAPHIA ALLIANÇA

44 Praça Alexandre Herculano, 45

BRAGA